

ATIVIDADE: CURSO DE SECRETÁRIA EXECUTIVA

Tema: 7.9

Prof. M. Góes

FORÇAS DOMINANTES NA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

R O T E I R O

Minha Amiga:

Em suas mãos um roteiro de nossa conversa.

Chamamos conversa, porque conferência, palestra, aula - tudo isso é muito abor-
recido...

Uma conversa sobre a História de sua terra, portanto, um assunto de seu inter-
rêsse.

Não tenha medo que não iremos pisar e repisar datas. Catalogação de números fi-
ca para a lista telefônica. Devemos balizar os fatos principais para situar as épo-
cas. Isso é importante.

Fundamental é compreender a História como um processo, no qual os fatos têm
causas e consequências. Ter da História uma idéia global e totalizante.

Generosamente ver a História por uma janela panorâmica e não, medíocrementemente,
através do furo de uma cárie.

1 - A TÉCNICA

Como ponto de referência podemos estabelecer algumas dimensões das duas socieda-
des - a européia e a ameríndia - que se encontram no final do Século XV, quando
da viagem de Colombo.

1.1 - A sociedade ameríndia não conhecia a utilização da roda, o ferro, os cere-
ais panificáveis nem os animais de tração de grande porte.

1.2 - A sociedade européia além de ter ultrapassado todas as fases referidas
(1.1) vivia a etapa de uma verdadeira revolução técnica, para a época: bú-
sola, pólvora, imprensa, caravela dotada de vela latina e leme aperfeiçoa-
do.

1.3 - Em confronto, muito mais do que um processo de aculturação a sociedade eu-
ropéia impôs seus padrões à sociedade ameríndia - é o que nos parece. Pode-
mos exemplificar a situação como o diálogo da panela de ferro com a de bar-
ro; como a madeira que, em contato com uma serra afiada, não se extingue,
mas, vira pó e perde a sua fisionomia e as suas potencialidades.

2 - A ECONOMIA

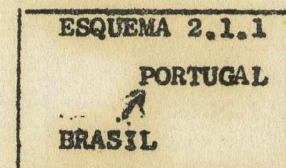
Os centros de decisão econômica da América Latina sempre estiveram fóra dela. Ainda hoje a situação não mudou, como tudo indica.

Mesmo correndo os riscos de uma esquematização, não resistimos à sua sedução, tendo em vista o fator tempo deste nosso Encontro.

2.1 - Vejamos os ciclos clássicos da economia colonial brasileira.

2.1.1 - Pau-brasil

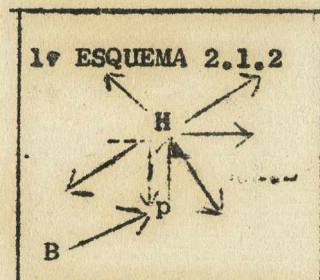
Aqui, o português, afugentando franceses e espanhóis, explorou, extrativamente, a madeira de pau-tinta, em seu próprio benefício, utilizando a mão-de-obra indígena à trôco de missangas. O centro de decisão econômica era Lisboa.



2.1.2 - Açúcar

A colônia, a partir de 1550, transformou-se num grande centro produtor de açúcar e, posteriormente, quase que abastecedor único da Europa.

A mão-de-obra é a do escravo africano. Portugal, todavia, incapaz de colocar comercialmente, o açúcar em todas as praças do Velho Mundo, transacionava com a Holanda, no próprio porto de Lisboa e a Holanda, senhora de uma grande marinha, incumbia-se da tarefa, auferindo, naturalmente, vantagens.

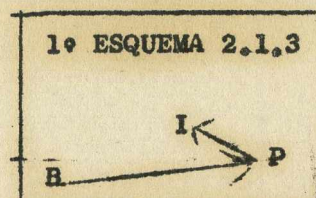
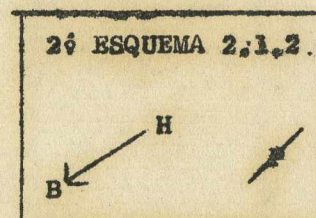


Com a União Ibérica (1580-1640) e as hostilidades hispanholandesas os flamengos preferiam vir buscar o produto na própria fonte. Esta a grande causa das invasões holandesas.

Nesta época, assim, os centros de decisão econômica estão em Portugal e na Holanda.

2.1.3 - Mineração

A descoberta do ouro no Brasil é uma verdadeira tábua de salvação para a economia portuguesa, que já não conta com o monopólio das especiarias das Índias. O ouro é explorado pela mão-de-obra escrava africana, pelos mamelucos e por uma sociedade mais democráticas (em relação à aristocracia açucareira) de aventureiros que se instalam nas Gerais. Todavia, o ouro tramita, apenas, por Lisboa (ver Tratado de Methuen, 1703).



Vai terminar na Inglaterra que, com êsses recursos, abre caminho para a sua Revolução Industrial.

Quando o Bloqueio Continental e por ocasião da invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão, a Inglaterra manda D. João VI para o Brasil. Este, aqui chegando, toma as seguintes providências em favor do imperialismo inglês:

- a) Abertura dos Portos (1808)
- b) Tratado de Comércio e Navegação (1810) que define direitos aduaneiros protenionistas sobre mercadorias inglesas (15%) menores do que os pagos para mercadorias e artigos portugueses.

2º ESQUEMA 2.1.3

I
B P

Aí o centro de decisão econômica do Brasil já é Londres.

2.2 - Estradas e Portos

Veja-se que aos centros de decisão econômica no exterior, correspondia a direção das estradas de rodagem e ferrovias em demanda dos portos: Recife, Salvador, Ilhéus, Rio, Santos, Paranaguá, etc.

A partir do quinquênio de Governo de 1955-1960 o Plano Rodoviário Federal procura corrigir essa anomalia, projetando estradas que promovam a integração nacional (exemplo: Belém-Brasília) e, conseqüentemente, criam condições para o estabelecimento de um mercado interno e não somente um mercado exportador de matérias primas.

3.- SOCIEDADE

O europeu funda na América uma sociedade baseada na agricultura. Acreditamos que esta afirmativa deixa de ser válida, apenas, para o México e para o Peru, onde a descoberta do ouro e da prata estava à mão, no saque levado a efeito pelos espanhóis contra os impérios Asteca e Inca.

3.1 - No Brasil a agricultura é a da cana-de-açúcar, no aproveitamento do "massapé". A sociedade aí formada tem características de latifundiária, escravocrata e de monocultura.

- a) Latifundiária porque a extensão continental da terra não exigia limites estreitos; porque a densidade demográfica era inexpressiva; porque o cultivo da terra era feito de forma extensiva; há de se ter presente, também, que em Portugal persistiam, ainda, certos padrões da Idade Média: época histórica na qual a riqueza expressava-se, principalmente, pela posse da terra.
- b) Escravocrata porque a população portuguesa seria inexpressiva, em termos de tentar povoar o Brasil; porque o luso já não era mais agricultor desde a implantação da Dinastia do Mestre de Aviz (1385) e estava preocupado com a sua talassocracia; porque era possível, no então contexto histórico, a exploração escrava do homem.
- c) Monocultura porque o açúcar dava dinheiro. E, no dizer de um senhor-de-engenho da época, dirigindo-se às autoridades: "Não planto um só pé de mandioca, para não cair no absurdo de renunciar à melhor cultura do País pela pior que nela há".

Estas características - latifundiária, escravocrata e monocultura - vão persistir por muito tempo na sociedade.

- 3.2 - A sociedade nascida na mineração é "mais democrática e permeável, se bem que dotada de escala social perfeitamente hierarquizada". O mesmo podemos dizer da sociedade da criação de gado.
- 3.3 - Apesar de pequenos matizes de classes sociais, na realidade a estrutura social tem dois grandes batentes: "os que têm tudo e os que não têm nada".
- 3.4 - A sociedade é patriarcal, herança latina da estrutura familiar romana do "pater-familiae". O "status" social definia-se, ainda, quando os pais analfabetos mandam os filhos estudar para Bacharel e para Padre, em Coimbra e nos seminários jesuítas, respectivamente.
- 3.5 - Sociedade eminentemente rural, que entra em contacto com a urbanização quando das Invasões Holandesas.
- 3.6 - O vestuário é europeu, mesmo com o clima tropical.
- 3.7 - Parece-nos que, numa sociedade assim estruturada, o índio e o negro valiam muito pouco. Isso, registre-se, apesar dos ingentes esforços dos jesuítas em favor do índio.

A CULTURA

Didaticamente Souto Maior informa: "O ensino foi a primeira manifestação cultural na colônia, mas os sermões é que constituíam a primeira actividade literária. Realmente, para a grande massa de analfabetos o púlpito deve ter sido o único diálogo possível com os letrados.

- 4.1 - Portugal reprimiu, quando do período colonial, o desenvolvimento cultural, chegando ao ponto de punir os que instalavam tipografias no Brasil. O ensino ministrado foi orientado para as humanidades clássicas e criou as raízes do bacharelismo no Brasil".
- 4.2 - As "Escolas Literárias" e as "Academias" não refletiam a realidade. Os letrados, insulados na massa analfabeta, tinham os olhos voltados para a Europa - no princípio para Portugal e depois para a França. Era mais fácil falar sobre os gregos do que sobre os mulatos, mamelucos e cafusos. E, mesmo cantar os gregos era prova de um "status" social. Houve exceções, é claro, mas, estas serviram, apenas, para confirmar a regra.

Aqui, a Europa impunha os seus padrões, mesmo que os contingentes negro e índio - principalmente negro - descaracterizassem as veleidades "brancas" de fazer uma transmigração cultural "pura".

- 4.3 - Fora alguns escritores isolados e/ou tímidas correntes literárias, só em 1922, com a Semana de Arte Moderna, a inteligência brasileira vai procurar integrar-se numa cultura nacional.

5. RELIGIÃO

"Dilata a Fé e o Império," está no verso de Camões. A Conquista da América, no contexto religioso europeu de Reforma e Contra-Reforma, teve um sabor de continuidade das Cruzadas Medievais. Eis que do episódio a antiga Ordem dos Templários não está ausente.

5.1 - O Poder europeu instala-se na América tendo o respaldo da Igreja. (ver Bula Inter-Coetera). Se é verdade que um Las Casas e um Vieira demonstram para a América de língua espanhola e para a América de língua portuguesa, respectivamente, a contradição dos alvos perseguidos por colonos e religiosos (Estado e Igreja) no Novo Mundo - também é inegável que, no estudo das estruturas sócio-político - econômico-culturais da época colonial é impossível separar Estado e Igreja.

6. O HOMEM-SOCIAL

Convém registrar certos comportamentos e atitudes do homem, sua reação psíquico-social quando da implantação e manutenção do pacto colonial imposto à América, no caso sob nosso enfoque, a América de língua portuguesa.

6.1 - O índio

É sabido que ao índio semi-nômade o português não pôde impor o regime escravocrava da sedentarização na agricultura. As tribos inassimiláveis foram tangidas para o interior. O mameluco aclimatou-se nas atividades do gado e das bandeiras. O cafuso anulou-se socialmente, como um dos elementos de prestígio.

6.2 - O negro

O africano, quando possível, rebelou-se. Os Quilombos são exemplos magníficos da rebelião negra. A Conjuração Baiana, de 1798, tem uma conotação de revolta com um alto contingente de escravos e os historiadores procuram suas raízes na resistência de Toussaint Louverture, no Haiti.

Hoje, no Brasil, não registra-se uma questão racial, mas, são evidentes, focos de preconceito sócio-racial. A Lei Afonso Arinos Getúlio Vargas pune a segregação racial no Brasil.

6.3 - O nativismo

Ainda a transplantação cultural da Europa, agora somada à influência da Independência Americana e às causas internas de uma política monopolista e de escorchante fisco, fazem a Inconfidência Mineira (1789), a Revolução Pernambucana de 1817 e a referida Conjuração Baiana: marcos decisivos do processo de Independência Política.

- a) Convém ressaltar que a fase anterior desses movimentos separatistas é preparada por movimentos de pretexto contra o pacto colonial: Bequimão (Maranhão, 1684); Emboabas (São Paulo, 1707), Mascates (Pernambuco, 1710), Filipe dos Santos (Minas, 1720).
- b) Ressalta-se, que a Revolução Pernambucana de 1817, é definida por Oliveira Lima, como "a um tempo demolidor e construtor, como nenhum outro em grau superior na América Espanhola".

6.4 - Outros movimentos

Apesar de sermos uma História reflexa, isto é, reagindo mais por causas externas do que internas e ser o nosso povo mais objeto do que mesmo sujeito da História, temos a registrar movimentos sociais onde se encontram conotações de presença de classes populares e de lideranças agressivas, a começar pela guerra de guerrilha no Nordeste quando os ricos e militarmente poderosos holandeses foram expulsos do Brasil e mais: os movimentos libertários do Período Regencial (Cabanagem, Pará, 1835-1840; Sabinada, Bahia, 1837-1838; Balaiada, Maranhão, 1838-1841; Farroupilha, Rio Grande do Sul, 1835-1845; Praieira, Pernambuco, (1848-1849), as campanhas da Abolição e da República; a Revolução de 1930 e outros movimentos contemporâneos.

7. ASPECTOS DE UMA TRANSIÇÃO

7.1 - Monarquia: persistência de instituições européias em terras americanas.

7.2 - Crescimento econômico e o decênio áureo: 1870-1880 - 14 milhões de habitantes; 9 mil km. de estradas de ferro; navegação a vapor do Pará ao Rio Grande do Sul; bancos; companhias de seguro; aumento do número de investimentos.

7.3 - Desenvolvimento da "classe média".

7.4 - Mão-de-obra:

a) abolição da escravidão anti-econômica: proibição do tráfico; Leis do Ventre Livre, Sexagenários, Áurea.

b) O "Bill Aberdeen" e a abertura crescente do mercado brasileiro às manufaturas inglesas, transformando em assalariados os ex-escravos.

c) Trabalho livre e a imigração crescente a partir do quadriênio republicano de Afonso Pena - Nilo Peçanha (1906-1910).

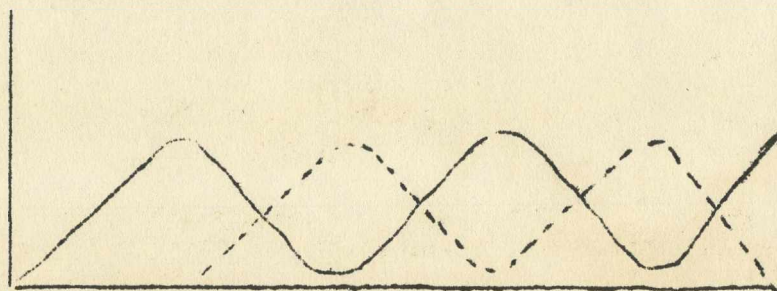
8. CAFÉ E INDUSTRIALIZAÇÃO

8.1 - Café: primeiro ciclo econômico depois da independência política; persistência das formas de monocultura.

8.2 - Século XIX: sementes de industrialização; bens não competitivos.

8.3 - A riqueza do café, na medida em que comprava importações, postergou a industrialização. Daí ser possível a esquematização: quando havia queda na exportação do café, registrava-se um surto industrial.

_____ CAFÉ
----- SURTO
INDUSTRIAL



8.4 - Marcos importantes do contemporâneo processo brasileiro, visto principalmente pelos enfoques industrial:

- a) 1914-18: Primeira Guerra Mundial: surto industrial acidental e não planejado.
- b) Década de 20: crescimento das exportações de café e queda do processo industrial.
- c) 1929: crack da bolsa de New York, que desorganizou todas as economias dependentes da economia americana e possibilitando, no Brasil, com a queda do café, a implantação do processo industrial e a participação da "classe média" no Poder (1930).
- d) 1939-45: a Segunda Guerra Mundial consolida a situação anterior.
- e) 1946-47: dispersamos divisas vitais ao desenvolvimento, importando quinquilharia, Concorrência desigual de produtos americanos no mercado brasileiro. Perda preciosa oportunidade de reformulação da infra-estrutura.
- f) 1948: controle administrativo seleciona importação.
- g) 1948-53: industrialização de superfície.
- h) 1954: Criação do BNDE e da Petrobrás.
- i) 1957-61: consolida-se o processo industrial. O Plano de Metas do Governo.
- j) 1962-64: queda no processo de crescimento brasileiro.
- k) Alguns números que servem de marcos:

ANOS	INDÚSTRIA	P. B. I.
1940-48	6,9	2,0
1949-53	8,6	5,5
1954-61	10,7	6,7
1962-64	2,3	2,6

1) As promessas de retomada do desenvolvimento sem inflação.

8.5 - A necessidade da criação de um mercado interno; um dos grandes problemas brasileiros.

9. O BRASIL E O MUNDO

9.1 - A era tecnológica.

9.2 - A opção brasileira: ou dominamos, soberanamente, os instrumentos técnicos que promovem o progresso ou seremos, sempre, um país caldatário. O átomo.

9.3 - A ameaça: um novo diálogo da panela de ferro com a panela de barro (ver 1.3) se não nos prepararmos para a era tecnológica.

9. A MULHER E O TRABALHO

10.1 - Esta pode não ser a fase mais fácil da História, mas, é a minha - Sartre.

10.2 - Tenho duas mãos e o sentimento do mundo - Carlos Drummond de Andrade.